

AS DIMENSÕES DO GÊNERO: ANÁLISE DE DISCURSO DA HASHTAG #DEIXAELATRABALHAR

SARA CARULINA SILVA DA ROSA¹; MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – sara.carulina@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Profissionais jornalistas do Brasil utilizaram seus perfis pessoais para expressar sua repulsa às situações de assédio moral sofridas enquanto trabalhavam e a partir disso foi estruturado um movimento intitulado Deixa Ela Trabalhar, que tem por objetivo conscientizar a respeito do assédio moral às jornalistas. Com início por meio das mídias sociais, o movimento ganhou força e tem servido como um meio de exposição de casos que continuam a ser vivenciados pelas profissionais. Com base nisso, o trabalho busca analisar os discursos produzidos [As mulheres são vítimas de ações restritivas masculinas há décadas e são alvos mais frequentes de violência e na sociedade atual perceberam a necessidade de superar tais atitudes; e para isso começaram a unir-se em grupos com o objetivo de alcançar liberdade e espaço na sociedade. O assunto *assédio moral às jornalistas* é um tema ainda pouco explorado pela academia. A partir dessa observação a pesquisa explicita teóricos e teorias como Connell e Pearse \(2015\), Hall \(2000\) e Santaella \(2003\) que explicam e apresentam comentários sobre a partir de quando, como e por que os assédios acontecem.](https://wp.ufpel.edu.br/siiupe/nos sujeitos – mulheres e homens, a partir dos textos veiculados na grande mídia (jornal online Folha de São Paulo e jornal online El País) versus a mídia social da campanha (Twitter: @deixaelatrabalhar), que se utilizaram da hashtag #deixaelatrabalhar.</p></div><div data-bbox=)

Desde a antiguidade a mulher tem a necessidade de corresponder às expectativas e vontades do homem. A generificação dos corpos sempre foi muito presente, formando pensamentos, atitudes e perpetuando culturas. Connell e Pearse (2015) afirmam que as diferenças de gênero ocorrem devido à biologia e a normas sociais. As autoras analisam que desde bebê há uma identificação para menino ou menina, especificando cores e brinquedos; e chegando a exigências de atitudes e condutas. Nesse contexto, Scott (1995) sustenta que o a utilização do gênero só se refere aos domínios – tanto estruturais quanto ideológicos – que inferem em relações entre os sexos, podendo-se observar portanto que as divisões binárias (homem-mulher) de gênero são originárias de agentes de socialização – família, escola, grupos de convivência, meios de comunicação de massa. A partir desse viés, a filósofa estadunidense Judith Butler (1990, p. 26) questiona, refletindo: “Se o gênero é construído, poderia ser-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação?”

A identidade causada pela divisão por gêneros é oriunda de práticas sociais e sexuais que são constituídas ao longo do tempo. De acordo com Stuart Hall

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas, cursando o 8º semestre. Integrante do Grupo de Pesquisa: Mídia e Representação Feminina da UFPEL.

² Orientadora - Professora Adjunta do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas, Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS, Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Mídia e Representação Feminina da UFPel e Colaboradora do Grupo de Pesquisa: Estudos Culturais e Audiovisualidades da UFSM.

(2000, p. 108-109) “as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. A cultura cria, desenvolve e fixa identidades, Santaella (2003) destaca que a cultura acontece pela repetição de atitudes específicas e similares, perpetuando uma forma e tornando uma estrutura reconhecível extra cultura.

Com o passar das décadas a ideia de divisão de gênero foi consolidada e por esse motivo, situações de repressão à liberdade e preconceito com as mulheres aconteceram e ainda são vivenciadas, impulsionando o surgimento de ações que repudiam o machismo e garantam às mulheres seus direitos. No século XIV surgiu o primeiro registro do que se conhece por Feminismo, através de um tratado que refutou a inferioridade ao sexo feminino. Segundo Alves E Pitanguy (1991) ocorreu o início as lutas por direitos políticos, trabalhistas e civis e a denúncia contra a crença de que as mulheres estariam predeterminadas a cumprir papéis domésticos, enquanto os homens papéis sociais e de trabalho. Assim sendo, as mulheres ocuparam ruas e praças com manifestações que objetivavam chamar a atenção para os limites impostos à elas pela sociedade machista e patriarcal, e para além disso buscavam ocupar espaços da vida social construídos como masculinos.

A partir das lutas já citadas, a presença da mulher no mercado de trabalho, em fábricas, teve seu início na Segunda Guerra Mundial, quando os homens foram para o campo e foi necessário que as vagas de mão de obra fossem supridas. Alves e Pitanguy (1991) afirmam que existem registros históricos de mulheres exercendo atividades consideradas masculinas como trabalhos com madeira, ferro etc. No entanto, ao acabar a Guerra, as mulheres foram influenciadas a voltarem às suas casas para as atividades domésticas; não houve mudança nos discursos sobre a presença da mulher no mercado de trabalho e a sociedade continuou perpetuando preconceitos.

Ainda que a sociedade tenha avançado devido aos esforços do feminismo, parecem persistir ideias de que as mulheres não são aptas para exercer determinadas profissões, tal pensamento separatista segue vivo, propiciando espaços para comentários não somente sobre a presença da mulher, mas também de subestimação de sua potencialidade e não obstante, sobre sua beleza – ou falta dela; a fixação de discursos polarizadores causou e ainda causa a “divisão sexual do trabalho [que] torna os sexos em seres sociais diferenciados[...]” (STREY, 1999 apud MATTHAEI, 1993; p. 46).

A pesquisadora Eni Orlandi observa que o discurso produzido na sociedade vai para além de uma mera transmissão de informações, mas se constitui como um processo que forma sujeitos a partir da língua. Utilizando a linha francesa, a autora destaca que ao analisar um determinado objeto simbólico pode-se compreender como ele produz sentido, observando seus gestos de interpretação – atos de domínio simbólico -, visto que ele intervém no real do sentido.

A partir desse viés, a mídia tem o papel formador de discursos; se por meio dela ideias são perpetuadas, é por meio dela que novas convenções e discursos de aceitação e luta contra preconceitos, devem ser veiculados. Nesse contexto, percebe-se a importância de ser realizada uma análise sobre conceitos como gênero, cultura, identidade, discurso e influência – ou não – das mídias de massa e redes sociais.

Por não haver, até o presente momento, análises sobre a temática escolhida, esta pesquisa tem grande importância para dar início a debates e reflexões a cerca do

assédio contra jornalistas que desempenham sua profissão no meio esportivo e também fora dele – política, economia, agricultura etc. Assim sendo, o objetivo é a análise dos discursos produzidos pela mídia de massa (jornal online Folha de SÃO Paulo e jornal online El País Brasil) – e as interações que contém o link da matéria sobre a hashtag, no Twitter –; observar os sentidos que podem ser produzidos nos sujeitos – mulheres e homens a partir da mídia social da campanha (@deixaelatrabalhar) – primeira publicação do perfil, que contém um vídeo produzido e reproduzido pela campanha –, utilizando-se da hashtag #deixaelatrabalhar; e por fim tentar explicar, por meio das teorias escolhidas, como surgem e se perpetuam os discursos misóginos encontrados nos recortes escolhidos. Vale ressaltar, de maneira destacada, que a análise não objetiva se encerrar em um estudo de recepção propriamente dito, mas apenas em suposições que podem ser resultado de uma recepção dos conteúdos veiculados.

2. METODOLOGIA

A metodologia a ser adotada para a análise do discurso contará, a princípio, com os escritos e conceitos essenciais de Orlandi (2015). A coleta de dados será realizada através dos sites dos portais online El País e Folha de São Paulo, sendo realizadas “cópias da tela” (print screen) de uma matéria de cada portal sobre a hashtag; e também da primeira publicação do perfil do movimento no Twitter – que um vídeo produzido e reproduzido pela campanha – utilizando-se da #deixaelatrabalhar.

Os espaços de busca de conteúdos da grande mídia a serem analisados foram escolhidos por serem portais online de grande influência e conhecimento; mediante uma busca nos portais selecionados, com a hashtag #deixaelatrabalhar; foi encontrada apenas uma reportagem – em cada portal – sobre o tema pesquisado.

A pesquisa a ser desenvolvida está em fase inicial, no entanto já se pode afirmar que serão analisadas as marcas discursivas nos discursos – dialógico, polifônico, opaco, efeito e produtor de sentidos, elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares – promovidos pela grande mídia e por uma das redes sociais da campanha, sobre o movimento e como esses escritos mobilizaram sentidos nos sujeitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando escrever um trabalho único e útil, foram realizadas pesquisas nos bancos de dados Google Acadêmico, BOCC, Portcom, SBPJor e Scielo sobre o que já existe de materiais acadêmicos sobre assédio à jornalistas. Utilizou-se como palavras chave para a busca: “representação da mulher no jornalismo”; ao realizar uma pesquisa mais aprofundada, que constou as palavras “jornalista” e “assédio”, nada foi encontrado. Constatou-se então que tal assunto não é tratado com reflexão e análise por pesquisadores da área da comunicação. Os únicos resultados obtidos através da pesquisa foram abordagem sobre como a imprensa enquadra e aborda a mulher e sobre como a inserção da mulher no jornalismo gera assédio em seus ambientes de trabalhos, e os desdobramentos que surgem (reações) a partir da denúncia dos casos.

Até o presente momento, o trabalho está em na fase de coleta de dados, com a finalização das reflexões sobre os conceitos escolhidos para sustentar as análises, como gênero, identidade, cultura, mulher, feminismo, machismo, mulher e mercado de trabalho, mulher e mídia e redes sociais. A seguir, serão realizadas as análises de discursos e os apontamentos dos resultados encontrados.

4. CONCLUSÕES

As análises realizadas até então permitem concluir preliminarmente que a partir da repercussão da campanha nas mídias escolhidas, foi possível perceber que os textos veiculados pela grande mídia e pelo perfil da campanha no Twitter tiveram o objetivo de tornar o movimento conhecido, corroborando com o papel de informar que cabe à jornalistas. No entanto, as interações nas mídias sociais mostraram que, embora tenha acontecido um esforço para o esclarecimento e destaque sobre a importância, ainda se fazem necessários esforços maiores objetivando uma erradicação do discurso misógino da sociedade, que é propagado e perpetuado há décadas.

Pode-se observar que, infelizmente, surgem mais casos de assédio moral às jornalistas a cada dia, o que salienta a importância dos debates. As mídias sociais têm sido importantes agentes a favor da proliferação de espaços de fala sobre questões antes pouco debatidas. Cabe aos acadêmicos e estudiosos organizar suas pesquisas, buscar origens para tais atos de assédio e/ou silenciamento dos casos, e incitar à reflexão, ao repúdio e a denúncia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1991.
- BAUMAN, ZYGMUNT, 1925 – **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi / Zygmunt Bauman**; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Lisboa: Orfeu Negro, 1990.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** Trad.Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes. 2015.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.
- STREY, Marlene Neves (Orgs.). **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003b